

FRANKLIN MARTINS



de Brasília

Plantar ou colher?

• Pesquisa feita pelo Ibope nas nove maiores regiões metropolitanas do país, a pedido da Confederação Nacional das Indústrias, divulgada na semana passada, traz importantes revelações sobre o estado de espírito do brasileiro no momento atual. De um modo geral, o homem da rua está satisfeito com o presidente Fernando Henrique e aposta no sucesso do Real, mas está começando a ficar mais exigente em relação ao Governo.

Se fosse hoje a eleição presidencial, Fernando Henrique daria um surra nos seus oponentes. Quarenta e oito por cento dos entrevistados dariam ao presidente mais um mandato no Palácio do Planalto, contra 13% que votariam em Lula, 10% em Maluf e 7% em Sarney. Quatro outros nomes — Itamar Franco, Antônio Carlos Magalhães, Ciro Gomes e Jaime Lerner — reuniram 3% das preferências, cada um.

Ou seja, Fernando Henrique ganharia facilmente no primeiro turno. Tem mais intenções de voto (48%) que todos os possíveis candidatos somados (42%). Numa eleição real, provavelmente, a vantagem seria bem maior. Primeiro, porque Sarney, ACM e Lerner são hoje cabos-eleitorais, e não adversários, de FH. Segundo, porque a pesquisa não colheu a opinião dos eleitores das outras capitais, das cidades médias e do interior do país, que costumam brindar o presidente com níveis de popularidade superiores aos que ele alcança nas regiões metropolitanas.

A pesquisa procurou medir também o grau de confiança da sociedade no Plano Real. Ele não só se mantém alto, como cresceu de forma significativa no último ano. Hoje, 46% dos entrevistados dizem que ele será um sucesso, contra apenas 11% que acreditam no seu fracasso. Há dez meses, o placar era bem mais apertado: 31 a 18. Também nesse aspecto, portanto, os resultados são extremamente favoráveis para Fernando Henrique.

Apesar disso, o presidente não deveria brincar em serviço. Pois, as respostas às outras perguntas da pesquisa apontam para a possibilidade de o Sucatão de Fernando Henrique topar com fortes turbulências em sua rota. Hoje, ele voa em céu de brigadeiro, mas o painel do radar assinala que nuvens negras estão se acumulando mais à frente. Seria um erro FH ligar o piloto automático e tirar uma soneca.

O primeiro cumulus nimbus na sua rota é que nada menos de 67% dos entrevistados estão com medo de ficar desempregado ou já estão desempregados, mais do que o dobro dos que não estão preocupados com a possibilidade de perderem seu posto de trabalho. Ou seja, para a esmagadora maioria dos brasileiros o Real tem duas faces: a da estabilidade da moeda, que merece aplausos, e a da incerteza do trabalho, que desperta inquietações. Até agora, a primeira face vem predominando, mas a segunda está à espreita, rondando. A qualquer momento, pode dar o bote. Basta a taxa de desemprego aumentar que a equação pode se inverter.

Segunda zona de turbulência pela frente: a reforma agrária. É uma frente em que o Governo está perdendo feio, de acordo com os números da pesquisa. Embora o Governo tenha feito todo o possível pa-

ra satanizar o MST, apresentando-o como símbolo do caos, da bagunça e do sectarismo, a população formou uma opinião diversa.

Setenta e sete por cento dos entrevistados consideram o MST um movimento legítimo, alegando uma razão muito simples: são trabalhadores querendo trabalhar. A pesquisa aponta que as táticas dos sem-terra encontram mais acolhida na sociedade do que supõem o Palácio do Planalto e o ministro Raul Jungmann: 85% das pessoas consultadas consideram a invasão de terras um instrumento de luta válido, desde que não haja violência e mortes; 74% acham que as invasões cumprem o papel de chamar a atenção do Governo para o problema da reforma agrária; e 88% são da opinião de que o Estado deveria confiscar terras improdutivas para distribuí-las a quem não tem onde plantar. São números sobre os quais o Governo deveria refletir, num momento em que a marcha dos sem-terra aproxima-se de Brasília. Eles deixam claro que o Governo não conseguiu isolar o MST, como queria. Se não admitir que precisa rever sua posição, reabrindo o diálogo com a entidade, sofrerá desgastes.

Terceiro foco de problemas para o piloto com sorriso de aeromoça: as prioridades do Governo não só não são as mesmas da população, como revelam estados de espírito diferentes. O Ibope perguntou aos entrevistados quais deveriam ser as prioridades do Governo. Sessenta por cento responderam que o Governo deveria aumentar os gastos sociais, notadamente em educação e saúde, enquanto 40% pediram mais investimentos em infra-estrutura. Nenhum desses dois itens constituiu uma prioridade do presidente Fernando Henrique e de sua equipe até o momento.

Ao mesmo tempo, os entrevistados deixaram claro que não se entusiasma com as prioridades definidas pelo Governo. As reformas previdenciária, administrativa e tributária, que o Planalto julga fundamental aprovar no Congresso nos próximos meses, não são tidas como decisivas senão por 24%, 21% e 9% dos entrevistados, respectivamente. A ampliação do processo de privatização das estatais, outra pilar dos planos do Governo, tampouco reuniu muitos adeptos na pesquisa. Apenas 9% consideraram-na uma tarefa prioritária do Governo.

Trocando em miúdos: a população acha que já está na hora de o Estado voltar a gastar, enquanto o Governo só tem olhos para aquilo que trará economia para o Estado. Um quer colher o que o Real plantou, o outro quer abrir novas fronteiras e continuar com a sementeira.

Uma oposição competente guaria nessa brecha.

e-mail para esta coluna: franklin@bsb.oglobo.com.br